



RESENHA

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 155–192.

Responsável pela resenha

Antônia Jamilly Costa Ferreira¹

Resumo: A história e a memória são partes de um processo. Ricoeur busca entender a história como um conhecimento que se organiza pautado em um saber científico. O que nos leva a reflexão: como o saber histórico se relaciona com a memória? Consideremos que a memória pode ser entendida e refletida como um passado presente, enquanto a história um passado recortado.

Palavras-chave: História. Memória. Fase documental. Paul Ricœur. Espaço habitado.

Abstract: History and memory are parts of a process. Ricoeur seeks to understand history as knowledge that is organized based on scientific knowledge. This leads us to reflect on how historical knowledge relates to memory. Let's consider that memory can be understood and reflected upon as a present past, while history is a cut-up past.

Keywords: History. Memory. Documentary phase. Paul Ricœur. Inhabited space.

Resumen: La historia y la memoria forman parte de un proceso. Ricoeur trata de entender la historia como un saber que se organiza a partir del conocimiento científico. Esto nos lleva a reflexionar sobre cómo se relaciona el conocimiento histórico con la memoria. Consideremos

¹ Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Mestranda), Marabá, Pará, Brasil. E-mail: antoniajamillyferreira@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0122528267813085>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-7801-4515>.

que la memoria puede ser entendida y reflexionada como un pasado presente, mientras que la historia es un pasado recortado.

Palabras clave: Historia. Memoria. Fase documental. Paul Ricœur. Espacio habitado.

A memória seria, entre outras definições, a expressão da vivência de grupos sociais, sendo algo vivo, subjetivo. Já a história, uma ciência crítica e seletiva. Dessa forma, se pensarmos a historiografia como uma memória arquivada e se a capacidade de adquirir conhecimento científico, histórico surgem a partir da historiografia, a alteração “historiadora do espaço e do tempo pode ser considerada condição formal de possibilidade de gesto de arquivamento”, pois ao passar de memória à historiografia mudam em conjunto “com o espaço onde se deslocam os protagonistas de uma história narrada” (RICOEUR, 2007, p. 156).

Mas o que fazer quando não temos mais acesso direto às narrativas de determinadas memórias? Para isso, podemos analisar a importância dos “lugares de memória”, que mantêm arquivadas memórias e experiências dispersas no tempo e no espaço. Além disso, há memórias que não estão cotidianamente presentes na vivência social de grupos, tornando necessário a rememoração, seja mediante a cultura material ou imaterial, como, por exemplo, datas comemorativas que levam a festejos, desfiles cívicos, feriados...

Paul Ricœur não tem em vista aproximar ou afastar a história da memória, mas entender como ambas em conjunto com o esquecimento se configuram e como tais conceitos interferem e/ou influenciam em uma experiência temporal a partir das narrativas. A partir do exposto trataremos um panorama da obra de Paul Ricœur, em específico a parte dois do livro mencionado ao início deste texto.

Na obra *A memória, a história, o esquecimento*, Ricoeur estrutura suas colocações baseadas no conceito de “operação historiográfica” empregado por Michel de Certeau (1982) em *A escrita da história*. A partir desse conceito, Paul Ricœur estrutura uma análise epistemológica para pensar a relação entre a história e a memória como campos que se complementam na produção do conhecimento histórico. Assim, o autor nos coloca diante de uma epistemologia da história que pressupõe uma relação intrínseca da história com a memória.

Paul Ricœur visa entender a história enquanto um conhecimento que, diferente da memória, se estrutura com base numa epistemologia, ou seja, num conjunto de conhecimentos que postulam a necessidade de ver a si como um saber científico. Como dito antes, o objetivo de Ricoeur não é afastar ou aproximar história e memória, para o autor o que de fato deve ser considerado é as especificidades de ambas e como nessas especificidades elas se configuram

enquanto formas de produção de sentido das experiências que se operam por meio das narrativas, devendo ser considerado nesse processo também o esquecimento.

Nessa perspectiva, tanto a memória, quanto a história e o esquecimento compõe um processo de significação da vida humana. Ricoeur não está colocando uma como superior a outra. Ainda que, a história e a memória não sejam interpretadas como iguais, elas não se opõem e não estão em relação de rivalidade entre si.

O autor nos apresenta um diálogo consistente com um leque de questões que, em suas especificidades, caracterizam a ciência histórica enquanto um campo de conhecimento, o historiador enquanto um profissional e o texto enquanto narrativa histórica. O texto, refletido na narrativa histórica, alega uma verdade, mas, ao mesmo tempo, sem fugir completamente a ideia de que também pode ser considerado ficcional e literário. Contudo, ainda assim, defendendo seu sentido de verossimilhança por se estruturar num processo de construção que o caracteriza como científico.

Veja que, a partir do mito de Fedro, construído por Platão para pensar sobre a escrita da história, Ricoeur faz uma indagação que atravessa todo o capítulo, que é se a escrita da história seria um remédio ou um veneno. A escrita da história de fato conserva a memória e corrobora na valorização, preservação e notoriedade das memórias? Ou essa escrita, refletida numa narrativa, pode destruir a memória? É remédio ou veneno?

Enquanto cientistas sociais, empenhados em entender a história em suas diferentes abordagens, acreditamos que a escrita historiográfica se configura tanto em remédio quanto em veneno. A narrativa apresentada pelo historiador, ainda que partindo de todos os elementos que a configura como ciência, parte de seu lugar social, de sua relação com o seu objeto de pesquisa e de sua interpretação sobre ele.

“O espaço habitado”

Ao abordar sobre o espaço habitado, Paul Ricoeur nos coloca diante da necessidade de tratar das espacialidades e das temporalidades que envolvem as experiências nas quais são construídas memórias vivas, tanto coletivas, quanto privadas. O “espaço habitado” nos permite pensar as mudanças em conjunto com a relação dos deslocamentos no tempo e no espaço.

Logo, o espaço habitado também é histórico, sendo preenchido pela memória e atravessado por uma existência do sujeito, por meio do testemunho. Nesse sentido, o saber

histórico se relaciona com a memória, pois a operação historiográfica parte de uma relação do espaço habitado pelo sujeito.

Ricoeur argumenta, logo no final do primeiro parágrafo do tópico “o espaço habitado”, que a historiografia, ou seja, a escrita da história, tem seu ponto de partida como uma forma de memória arquivada, em outras palavras, como sendo uma espécie de registro do passado. Deste modo, as atividades cognitivas, com relação ao conhecimento, são atividades que se originam a partir do arquivamento da memória (RICOEUR, 2007, p. 156). Desse modo, deve-se considerar a importância da relação existente entre a escrita da história, a memória, o espaço e o tempo no processo de construção e interpretação do conhecimento histórico (RICOEUR, 2007, p. 156).

Um exemplo interessante para pensarmos tempo e espaço é nos apresentado: “eu estava lá. O imperfeito gramatical marca o tempo, ao passo que o advérbio marca o espaço” (RICOEUR, 2007, 156). O “imperfeito gramatical” referido por Ricoeur, faz alusão ao pretérito imperfeito: uma ação que aconteceu no passado, mas não foi totalmente concluída. Essa ação marca um tempo.

Paul Ricoeur está fazendo uma analogia entre como a gramática marca o tempo, pensando o exemplo do pretérito imperfeito, e também marca o espaço, pensando o exemplo do advérbio, comparando essas duas formas gramaticais de marcação do tempo e do espaço como entendemos ou deveríamos entender a história. Ou seja, assim como na gramática, a marcação do tempo e do espaço são importantes para entender a comunicação. Do mesmo modo, na historiografia e na interpretação da história, a compreensão do tempo e do espaço também é de suma importância na análise e na construção da narrativa histórica.

“Lugar de memória” e outras considerações

A memória individual evolui para uma memória compartilhada que também evolui para uma memória coletiva, a qual está diretamente ligada a, por exemplo, comemorações e tradições de uma comunidade. Nesse contexto, Ricoeur emprega o conceito de “lugar de memória”, o qual, dentre outros, faz referência, a locais, eventos que possuem um significado e contribuem, a dado ponto, para a preservação da memória coletiva (RICOEUR, 2007, p. 157).

Adiante, Ricoeur menciona a cidade se referindo a ela como um lugar em que diferentes épocas se encontram, misturando uma diversidade visual e cultural. A cidade seria como um livro que pode, ao mesmo tempo, ser lido e observado. Ricoeur percebe a cidade como um

ambiente que é dinâmico e acarreta experiências temporais e espaciais (RICOEUR, 2007, p. 159).

Assim, a conexão entre o tempo histórico e o espaço geográfico se faz importante, devendo ser essa conexão adequada às ciências humanas, sendo importante ir além do espaço construído pela arquitetura, mas considerar também, nessa conjuntura, a terra habitada pela geografia. Ou seja, além de analisar os espaços físicos construído pelos homens, considerar também a relação que as pessoas possuem com o ambiente natural e geográfico, a fim de proporcionar uma abordagem mais abrangente ao estudar a relação existente entre o tempo histórico e o espaço geográfico.

Paul Ricoeur visa pensar um espaço atravessado por múltiplas relações, por uma temporalidade e pela existência de um sujeito que difunde a memória por meio do testemunho. O testemunho pode ser o relato de quem testemunhou, viveu algo. O testemunho seria então o momento da Operação Historiográfica que pode ser percebida através da relação espaço e tempo. “É com o testemunho que se inaugura um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental” (RICOEUR, 2007, p. 170).

A prova documental, por sua vez, é a última instância da Operação Historiográfica. É na análise crítica das fontes documentais que o historiador tem a possibilidade de “provar” a sua interpretação sobre o passado. Assim, a Operação Historiográfica tem seu ponto de partida na relação do espaço habitado e também pelo tempo histórico e a compreensão da relação do sujeito com ambos, sendo essa compreensão direcionada a partir de um terceiro tempo que é o tempo do historiador.

E por fim, caminhando para os últimos parágrafos, reapresentando a abordagem da história enquanto ciência, vale destacar a relação existente entre a história como uma disciplina acadêmica e os estudos da área da linguística. Pois, segundo Ricoeur, a história enquanto ciência, enquanto um campo que tem em vista compreender o passado por meio de evidências, pautadas em análises e interpretações, está ainda que indiretamente implicada em algo relacionado a linguística (RICOEUR, 2007, p. 169). Dessa forma, podemos nos referir, por exemplo, a conexão entre a análise histórica e essa análise linguística, no sentido de que a linguagem possui um papel importante até mesmo na interpretação das fontes históricas.

E, nessa perspectiva, a história também relacionada a “recuperação” dos estudos sobre a linguagem literária e poética. Como menciona Ricoeur (2007, p. 169) a análise histórica se amplia, ela vai além de fatos objetivos, ao considerar os documentos literários e poéticos, uma vez que essa linguagem pode complementar a narrativa histórica a partir de questões culturais, por exemplo.

Paul Ricoeur então apresenta três pontos importantes para reflexão do historiador: a Operação Historiográfica, o estruturalismo e o conhecimento histórico. Com relação à Operação Historiográfica, Ricoeur menciona a dupla redução dessa operação, diluída em “experiência viva da memória”: nesse ponto, ele referir-se a nossa experiência subjetiva da memória. Por exemplo, ao lembrarmos de eventos pessoais, essa memória surge diretamente, porém, quando essa experiência da lembrança é transformada em história, ocorre uma redução nesse processo.

Referências

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes. — Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

RICOEUR, Paul. **Fase documental**: a memória arquivada. In. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 155–192.

RICOEUR, Paul. **História e Epistemologia**. Aula 1, 19 out de 2020, prof. Luiz Carlos Bento. Disponível em: <https://youtu.be/ZBplUaj1kdU> Acesso em: 02/06/2024.

RICOEUR, Paul. **História e Epistemologia**. Aula 2, 27 out de 2020, prof. Luiz Carlos Bento. Disponível em: <https://youtu.be/QTgpRvPbN6g> Acesso em: 18/06/2024.

Recebido em: 23 de julho de 2024
Aceito em: 8 de abril de 2025
